O OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Preços da assignatura	Anno — 36 n.os	Semest. — 18 n.os	Trim. — 9 n.os	N.º á entrega
Portugal (franco de porte, moeda forte)	3$800	1$900	$950	$120
Possessões ultramarinas (idem)	4$000	2$000	-$-	-$-
Extrangeiro (união geral dos correios).	5$000	2$500	-$-	-$-

8.º ANNO — VOLUME VIII — N.º 246

21 DE OUTUBRO 1885

REDACÇAO — ATELIER DE GRAVURA — ADMINISTRAÇÃO

LISBOA. L. DO POÇO NOVO, ENTRADA PELA TRAVESSA DO CONVENTO DE JESUS, 4

Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos a Francisco Antonio das Mercês, administador da empreza.

CHRONICA OCCIDENTAL

A Patti e a Nilson são as duas grandes celebridades artisticas que Lisboa não viu ainda.

A Sarah Bernhardt, a Judic, a Chaumont, já cá estiveram: a Devriès e o Gayarre, o Salvini e a Ristori, o Rossi e a Pessana, já Lisboa viu e applaudiu. A Patti e a Nilson é que não. Ninguem até hoje se atreveu a correr os riscos enormes de trazer a Lisboa qualquer d'essas duas celebres cantoras, que fazem pagar por preços fabulosos a sua extraordinaria reputação de *estrellas*.

Ha dias Lisboa inteira foi surprehendida por uma grande novidade que a estonteou, que a abalou profundamente — em todas as paredes, grandes cartazes annunciavam que Adelina Patti vinha dar cinco recitas ao theatro de S. Carlos, no mez de novembro proximo.

O sr. Campos Valdez abalançou-se áquillo de que todos os emprezarios teem tido medo! teve o arrojo de escripturar finalmente a Patti, de jogar essa cartada atrevida de pedir ao publico de Lisboa 40$000 réis por um camarote para uma noite. E tudo isso foi feito á calada, mysteriosamente, com uma descripção diplomatica que venceu toda a besbilhotice dos *reporters* dos noticiarios.

A noticia estoirou em Lisboa como uma bomba; e depois de aqui ha tempo se ter falado muito na vinda da Patti, depois de se ter tirado d'ahi completamente o sentido, a Patti está a bater-nos á porta.

Pode muito bem ser que eu me engane, mas creio piamente que o mais completo successo cocoroará o arrojo do sr. Valdez, e que, apesar dos seus preços exorbitantes, o theatro de S. Carlos se encherá de todo nas cinco noites das recitas da celebre diva.

Tenho para mim de ha muito que o grande negocio de emprezario em Lisboa seria trazer constantemente grandes celebridades, ou pelo menos brilhantes novidades, por poucas recitas e preços elevadissimos.

Os preços exorbitantes não devem assustar ninguem para recitas extraordinarias: a questão está no espectaculo que se dá, ou na reputação do artista que se apresenta.

A Sarah Bernhardt foi um dos melhores negocios theatraes do nosso tempo, apesar dos preços elevadissimos. E a grande actriz franceza apesar do seu nome excepcional tinha um publico muito mais restricto em Lisboa pelo seu genero artistico.

A Patti interessa todo o publico em geral. Nem toda a gente percebe o *Froufrou* em francez, toda a gente percebe a *Traviata* no italiano, ou imagina percebel-a, o que para o resultado vem a ser a mesma coisa.

Os preços das recitas da Patti são muito altos, d'accordo; mas a Patti que no mundo inteiro é uma brilhantissima excepção artistica, em Lisboa é um acontecimento unico, que nunca mais se repetirá. É uma vez na vida, e esta razão seria a sufficiente para toda a gente fazer o sacrificio de algumas economias, se não houvesse para muita gente a razão poderosissima da moda, da elegancia, da ostentação — a razão suprema que dá sempre enchentes a todos os espectaculos em que os

CAPELLO E IVENS, NO PORTO — O JANTAR NO PALACIO DE CRYSTAL (Desenho do natural por J. Christino)

preços excepcionalmente caros podem dar certa importancia dinheirosa aos espectadores.

Parece-nos portanto, que a Patti será um bom negocio, e melhor seria decerto se a empreza de S. Carlos pudesse ter escolhido outra epoca para as representações da celebre diva, e se em vez de a trazer no principio da estação a trouxesse no fim, quando o brilho excepcional das suas representações não pudesse prejudicar de modo algum os espectaculos ordinarios da temporada lyrica.

É verdade que a empreza tomou já as suas precauções a esse respeito, que se preveniu com umas poucas de novidades de sensação, e que para depois das recitas da Patti, tem as recitas do Massini, as recitas da Fidès Devriés, as primeiras representações da *Gioconda* e da *Herodiade*, dirigidas pelos seus auctores, o maestro Francez Massenet, o maestro italiano Ponchieli, que virão pessoalmente assistir aos ultimos ensaios das suas operas.

E por tudo isto se pode vaticinar que a epoca lyrica que vae começar será excepcionalmente brilhante e digna do nome illustre do emprezario Campos Valdez.

A epoca theatral não começou desfavoravelmente para os theatros portuguezes.

A empreza de D. Maria inaugurou os seus espectaculos com a *Arlesiènne*, de Daudet, que não teve o *successo* que se esperava da sua novidade theatral — drama todo acompanhado com musica, e musica de Bizet — e que não sendo precisamente um *four*, passou desapercebido e não levou ninguem ao theatro.

Na difficuldade de montar immediatamente o *Severo Torelli*, o bello drama de Cappiè, traduzido em verso pelo visconde de Monsaraz e Jayme Victor, por causa da doença persistente de Antonio Pedro, insubstituivel n'um dos principaes papeis da peça, a empreza recorreu a *reprises* das suas melhores peças, emquanto ensaia uma peça antiga que teve em tempo um grande exito, — o *Marquez de Villemer*, de George Sand, e fez bem em recorrer a essas *reprises*.

A *Sociedade onde a gente se aborrece* e a *Fedora*, tem dado bellas enchentes ao theatro; o publico concorre a essas peças como se ellas fossem novas, e applaude-as enthusiasticamente.

Em breve teremos mais duas *reprises* de peças antigas — a *Redempção*, de Feuillet e o *Elogio Mutuo*, de Scribe, que se nos affiguram farão tambem *reprise* do seu grande *successo* d'outro tempo.

O theatro do Gymnasio depois de ter dado com agrado duas peças novas *A verdadeira nobreza*, um *arreglo* em tres actos dos *Doigts de Fée*, de Scribe e Legouvé, e o *Director Geral*, uma imitação d'uma comedia de Gondinet, em que se estreiaram Joaquim d'Almeida e Alfredo de Carvalho — um actor comico novo, que nos parece destinado a brilhante futuro encontrou o seu primeiro grande *successo* na comedia em 3 actos *A receita dos Lacedemonios*, de Paulo Ferner, imitada com muita graça pelo sr. Carlos Borges, e representada com um talento comico *hors ligne* pelo actor Valle.

A graça da comedia, o trabalho brilhante de Valle, e o desempenho correcto e muito egual dado á peça por toda a companhia do Gymnasio, fizeram da *Receita dos Lacedemonios* um verdadeiro e grande *successo*.

A Trindade teve tambem o seu grande *successo* com a opera comica em 3 actos *A mocidade de Figaro*, musica do maestro portuguez Freitas Gazul, musica muito bonita, desempenho muito gracioso, *successo* de primeira ordem, que está dando excellentes receitas ao theatro.

Já veem que a epoca não principia mal, e que estes tres theatros vão fazendo muito bem o seu caminho.

O Principe Real tem dado *reprises* e prepara uma novidade de sensação, a *Naná*, de Zola e Burnach.

E no fim de tudo a nossa chronica tem sido apenas uma chronica de theatros, como não podia deixar de ser, desde que as noticias mais importantes de Lisboa vem do mundo theatral.

As festas aos exploradores acabaram com os festejos brilhantes do Porto, de que o OCCIDENTE dá n'outro logar numerosa conta.

Mais de um mez duraram as festas com que Portugal recebeu Capello e Ivens, que em breve partirão para França e para Inglaterra, passando naturalmente por Madrid, d'onde lhes mandaram pedir a honra de uma visita, e cujo governo os agraciou com duas das suas mais distinctas condecorações.

Terminou no dia 15 do corrente a sessão plenaria do Conselho Superior de Instrucção Publica.

O OCCIDENTE não cumpriu ainda a promessa que fizemos aqui, de commemorar a primeira sessão plenaria d'esse conselho, que representa um grande melhoramento na administração da instrucção portugueza — a instrucção publica administrada por si propria, independentemente de luctas e de interesses partidarios, melhoramento que se deve á iniciativa, ao trabalho persistente e ao estudo profundissimo do sr. Conselheiro Jayme Moniz, — dando os retratos de todos os membros d'esse conselho, por difficuldade em obter rapidamente retratos de todos elles.

Entretanto daremos em breve os retratos de todos os membros da secção permanente do conselho, e então fazendo rapidas biographias de cada um d'esses membros, daremos ao mesmo tempo uma nota breve dos trabalhos realisados n'esses quinze dias de sessão plenaria, sessão que terminou por um voto de louvor a Jayme Moniz, o iniciador d'esse conselho e por assim dizer a sua alma, e ao sr. Conselheiro Antonio Maria d'Amorim, o director geral de instrucção publica, pela boa vontade, zelo e intelligencia com que tem servido e serve a santa causa da instrucção.

Gervasio Lobato.

Capello e Ivens, no Porto

Teve o Porto a honra insigne de receber dentro dos seus muros os illustres africanistas Brito Capello e Roberto Ivens, e ao acolhel-os com o preito sincero do seu patriotico regosijo, sentiu apenas que a brevidade do tempo não lhe permittisse solemnisar esse acontecimento com as manifestações condignas da terra que as tributava e dos benemeritos que as recebiam.

Planeada a vinda dos arrojados geographos para o dia 15 ou 16 d'este mez e contando-se com a sua permanencia aqui durante cinco dias, havia-se projectado uma serie de demonstrações publicas, muitas das quaes tiveram de ficar prejudicadas em consequencia da visita se ter anticipado para o dia 10 e a demora se limitar a tres dias.

Não obstante, porém, essas contrariedades, que diminuiram um tanto o brilhantismo dos festejos, não enfraqueceram comtudo o fervor do enthusiasmo da população portuense, o acolhimento que os intrepidos exploradores tiveram n'esta cidade, não podia ser mais expansivo nem mais sincero.

A viagem de Capello e Ivens desde Lisboa foi uma verdadeira marcha triumphal e ao chegarem ao capitolio das liberdades patrias, um immenso clamor de admiração os glorificou.

É que os heroes não traziam acorrentadas ao seu carro victorioso nem catervas de escravos, nem legiões de vencidos, mas apenas na farta bagagem das suas conquistas, o peculio preciosissimo de novas primicias para a sciencia e de valiosos recursos para a civilisação.

Apoz si tinham deixado no theatro das suas luctas humanitarias não um rasto de sangue e o echo de desesperadas imprecações, mas os hossanas jubilosos do progresso e uma esteira florida de benções e sympathias.

O Porto, patriota por excellencia, não podia deixar pois de receber com jubilos desusados a honra que lhe conferiram os dois benemeritos da patria, e fel-o com a bizarria fidalga de quem presa os pergaminhos com que de ha muito se enobreceu.

O comboio expresso que trouxe com os exploradores portuguezes, o sr. ministro da marinha, as delegações da Sociedade de Geographia, da Camara Municipal de Lisboa, do Club Militar Naval, dos Bombeiros Voluntarios, da Associação dos Jornalistas e Escriptores Portuguezes, e os representantes da imprensa, chegou ao Porto depois das 5 horas da tarde do dia 10 d'este mez.

Aguardavam os na estação de Campanhã a Camara Municipal, auctoridades civis e militares direcção da Associação Commercial, da Sociedade de Geographia Commercial, do Atheneu Commercial, da Associação dos Jornalistas e de outros gremios de instrucção e recreio, os operarios encorporados da fabrica de Fundição do Ouro, com uma musica, e uma multidão consideravel de pessoas pertencentes a todas as classes sociaes.

Á chegada do comboio, uma intensa acclamação acolheu os exploradores, que atravessaram depois parte da cidade no meio de um concurso immenso de povo, que por toda a parte lhes dava provas significativas de affecto e admiração.

Nas ruas do trajecto, muitas janellas estavam embandeiradas e ornamentadas com colchas de damasco, o que lhes dava um aspecto pittoresco e festivo.

Brito Capello tomára logar na carruagem do sr. presidente da Camara Municipal e Roberto Ivens, na do sr. vice-presidente.

Os exploradores seguiram para os paços do concelho, onde a municipalidade os recebeu em sessão solemne, dirigindo-lhes o sr. presidente por essa occasião, uma enthusiastica felicitação em nome da cidade.

Responderam com palavras de intimo reconhecimento os srs. ministro da marinha e Roberto Ivens, sendo os seus breves discursos acolhidos pelas palmas e os bravos unanimes da assembléa, que se compunha na sua quasi totalidade de gente do povo, cujo accesso ao edificio fôra livremente facultado.

A sessão encerrou-se no meio de vivas fervorosos, dirigindo-se os illustres hospedes para o hotel do Porto, por entre as acclamações da multidão que aguardava a sua passagem.

Á noite illuminaram brilhantemente a gaz os edificios da Camara Municipal, da Associação Commercial, da Sociedade de Geographia e muitos outros estabelecimentos publicos e particulares.

Do mesmo modo a rua Sá da Bandeira, que estava vistosamente ornamentada, ostentou uma formosa illuminação minhota e a de Passos Manoel resplandecia á claridade intensa de duas grandes lampadas electricas.

Parte da rua de Santa Catharina, até ao hotel do Porto, via-se egualmente ornada de mastros com bandeiras e vasos com plantas, apresentando além d'isso uma copiosa illuminação pelo systema usado no Minho.

Todas estas illuminações se repetiram durante as quatro noites em que os exploradores se conservaram n'esta cidade.

No dia seguinte, realisou-se a sessão solemne no Atheneu Commercial.

Este gremio, que tanto se tem distinguido pela importancia adquirida á custa dos mais desvelados esforços em prol da instrucção, soube retribuir com exemplar magnificencia a honra que os arrojados africanistas lhe haviam dispensado, accedendo ao pedido que lhe fez para irem ao Porto.

O edificio, cuja disposição interna, pela sua elegancia e luxo, dispensaria quaesquer embellezamentos, foi comtudo enriquecido com uma decoração primorosa.

Pela escada, plantas delicadas e de preço, entre ellas magnificos fetos arboreos, panoplias com excellentes armas antigas, etc. No salão, tropheus com apprestes de marinha, escudos, legendas e corôas de louro, sobresahindo por detraz da mesa da presidencia um medalhão em gesso com os retratos de Capello e Ivens, rodeado de objectos navaes.

Presidiu á sessão o sr. ministro da marinha, tendo por secretarios os socios honorarios, os srs. Manuel Emilio Dantas e padre Francisco José Patricio.

Oraram brilhantemente, fazendo a apologia dos serviços prestados pelos exploradores á patria, á civilisação e á sciencia, os srs. Emilio Dantas, padre Patricio e dr. João Arroyo, sendo principalmente o discurso d'este ultimo, notavel sob o ponto de vista de concepção e de fórma artistica.

O sr. conselheiro Pinheiro Chagas fez a entrega a Capello e Ivens das medalhas commemorativas em ouro, mandadas cunhar pelo Atheneu Commercial e que haviam sido gravadas pelo laureado gravador portuense o sr. Arnaldo Molarinho.

Este premio ao merito e ao civismo dos intrepidos viajantes foi engrandecido com as acclamações calorosas da assembléa numerosissima e distincta que assistia á solemnidade.

Além das principaes auctoridades, viam-se alli os representantes das diversas corporações scientificas, de instrucção e de recreio de Lisboa e Porto, e um numero consideravel de senhoras.

Usaram por ultimo da palavra, para agradecerem as manifestações com que tinham sido exaltados, os srs. ministro da marinha, e Roberto Ivens, servindo-se ambos, um, em phrase eloquente e primorosa, outro, em palavras nervosas e scintillantes, de expressões de extrema amabilidade para os brios e para as tradicções venerandas d'esta terra.

Os discursos dos dois oradores, ouvidos com estremecimentos de jubilo e com anceios de prazer, foram no fim coroados com palmas e bravos estridentes.

A sessão fechou em seguida com vivas enthusiasticos aos exploradores, que ao sairem do edificio foram acolhidos pela multidão que os aguardava, com novos testimunhos do mais franco regosijo.

É assim terminou, luzida e brilhante, a primeira homenagem solemne prestada pelo Porto aos seus egregios hospedes.

Porto, 16 de outubro.

(Conclue) *Manuel M. Rodrigues.*

AS NOSSAS GRAVURAS

SESSÃO SOLEMNE
DA ASSOCIAÇÃO COMMERCIAL DE LISBOA
EM HONRA DE CAPELLO E IVENS

A Associação Commercial de Lisboa tambem tomou uma parte importante nas homenagens prestadas aos exploradores Capello e Ivens, e essa parte é duplamente significativa, porque além de se unir ao côro geral que acclama de heroes os intrepidos explaradores, affirma que o corpo commercial tem a comprehensão do alcance que a ultima travessia póde ter para o commercio, e que todos os sacrificios tão generosamente praticados pelos benemeritos exploradores, seriam perdidos, se o governo e o commercio não souberem aproveitar e concluir a grande obra encetada.

Dizemos que o corpo commercial comprehendeu isto, porque assim o fez sentir pela bocca do seu digno presidente, na sessão solemne que realisou, onde el-rei D. Luiz tambem exprimiu as mesmas idéas em um breve discurso que pronunciou ao entregar a Capello e Ivens as medalhas com que a Associação os premiou.

Foi imponente esta festa em honra dos exploradores, realisada em a noite de 5 do corrente, na sala do Tribunal do Commercio, onde á majestade e riqueza ornamental do edificio se juntou uma brilhante decoração apropriada e allegorica.

Pelas 9 horas abriu o digno presidente da associação o sr. Eduardo Pinto Basto a sessão em nome de el-rei, que estava presente assim como todo o ministerio.

A direita do presidente tomava logar na meza da presidencia Hermenegildo Capello e á esquerda Roberto Ivens.

Achava-se presente o sr. Aguiar, digno presidente da Sociedade de Geographia de Lisboa, socios da Associação Commercial e grande numero de convidados, incluindo os representantes da imprensa de Lisboa.

O sr. Pinto Basto leu um bello discurso em que não só louvava os exploradores, mas punha em relevo as vantagens da sua viagem atravez de centro da Africa, ponto a que já nos referimos no principio d'este artigo.

Falou em seguida o sr. ministro da marinha, Pinheiro Chagas, que, com a sua natural eloquencia e brilho de phrase, agradeceu em nome do governo as palavras que o digno prnsidente da Associação dirigira ao mesmo no seu discurso.

Roberto Ivens levantou-se então e muito commovido, agradeceu todas as manifestações feitas pela associação, em honra d'elle e do seu companheiro Capello.

Em seguida tomou a palavra o sr. Aguiar que discursou brilhantemente enthusiasmando o auditorio que o applaudio calorosamente.

Depois d'este discurso, seguiu-se a entrega das medalhas por el-rei aos exploradores, e n'essa occasião o monarcha fez um breve e eloquente discurso, manifestando o quanto o regosijava achar-se n'aquelle logar, e o quanto lhe era grato premiar por suas mãos aquelles benemeritos, fazendo votos para que a empreza fundada por elles tivesse todo o encremente que era de esperar por parte do commercio de Lisboa.

Applausos unanimes acolheram as palavras de el-rei que foi vivamente victoriado, e assim terminou aquella significativa festa digna de todos os respeitos.

As medalhas que a associação mandou gravar ao sr. Campos, gravador da casa da moeda, são de ouro e custaram cerca de 900$000. No anverso tem o mappa de Africa com a travessia de Capello e Ivens indicada, e no reverso o emblema da Associação Commercial de Lisboa.

VIAGEM DE CAPELLO E IVENS
DE LISBOA AO PORTO

A estampa da pagina 237 reproduz o aspecto das estações do caminho de ferro, em Villa Franca, Santarem, Aveiro, Pombal e Coimbra, por occasião da passagem do comboio que conduzia Capello e Ivens á cidade do Porto.

O nosso collaborador artistico o sr. João Christino, que expressamente acompanhou os illustres viajantes, para registrar com o lapis as festas que a cidade do Porto celebrou em honra dos ous dos exploradores, das quaes principiamos a dar conta aos nossos leitores no presente numero, desenhou tambem no seu album, com a rapidez que a locomotiva podia permittir, o aspecto que as estações acima mencionadas apresentavam, aspecto festivo e em que se revelava o desejo d'aquelles povos em testemunharem a sua consideração pelos dois benemeritos portuguezes que todos acclamam, e partilharem do regosijo geral que de um ponto ao outro do paiz anima todos os filhos do nosso querido Portugal.

Em todas aquellas estações que se achavam vistosamente embandeiradas e com festões de flores e outras decorações, á excepção da de Coimbra, parou o comboio apenas por alguns minutos e foram felicitados Capello e Ivens pelas camaras municipaes, auctoridades e corporações, a que se juntava grande concurso de povo, que os esperava com musicas e foguetes, manifestando o maior enthusiasmo.

Em Aveiro é que foi mais imponente a manifestação assim como em Coimbra.

Foram outras tantas provas de affecto e de consideração que Capello e Ivens receberam d'aquellas povoações e a que elles corresponderam, agradecendo commovidos tão sinceras homenagens.

Exposição da Sociedade de Geographia de Lisboa em Antuerpia

(Continuado do n.º 243)

É necessario dizer porque não se realisou a Exposição?

Pois digam-n'o ainda os documentos.

Concordara o governo em que no caso de se prestarem as associações commerciaes a contribuir com uma parte das despezas, elle não se recusaria a concorrer... com o *resto:* — promessa um tanto vaga é certo, mas sufficiente para se tentar aquella ultima deligencia.

Em 29 de novembro (1882) respondia a Associação Commercial do Porto applaudindo o esforço da Sociedade de Geographia, e mostrando-se muito disposta a auxilial-a no seu empenho.

Sómente, desejava saber *qual a especie de auxilio* que poderia prestar-lhe. Parecia que era um ponto muito obscuro, este da «especie de auxilio.»

Pelo seguro, a illustre corporação portuense ia sempre dizendo que *pecuniariamente* é que não poderia auxiliar aquelle «util pensamento.»

Fizera muitas despezas ultimamente, e «bem assim, as relações d'esta praça com as colonias são por tal forma, infelizmente, limitadas que poucos ou nenhuns productos coloniaes poderão ser d'aqui enviados á Exposição Internacional de Amsterdam.»

No dia seguinte respondia a Associação Commercial de Lisboa.

Louvava a Sociedade, julgava não só opportuno mas de indeclinavel obrigação moral para o nosso paiz o affirmar a sua vitalidade, fazendo-se representar n'aquella exposição, «promptificava se» com a melhor vontade a secundar em tudo quanto seja possivel o pensamento da Sociedade, mas... «sente que os recursos de que póde livremente dispôr lhe não permittam offerecer francamente um auxilio pecuniario.»

Ia porém mais longe a dignissima Associação. Entendia que o governo tinha obrigação de correr com as despezas necessarias; insistia e desenvolvia firmemente esta idéa, mas se o governo o não fizesse, coadjuvaria a Sociedade no ensaio de uma subscripção publica, «comquanto não tenhamos grande confiança no bom exito d'esse meio.»

É claro que a idéa da subscripção publica foi posta, ou mais propriamente fôra já posta de parte. Semelhante idéa sómente poderia alimentar illusões de espiritos ingenuos, pouco praticos, mais ou menos visionarios, em summa. As subscripções publicas, ou as chamadas subscripções *nacionaes*, — que serão tudo menos nacionaes, afinal de contas, — estão conhecidas e abandonadas em toda a parte, como processo pratico e sério para grandes emprehendimentos. Não havia muito tempo que em Inglaterra, no meio de um grande movimento africanista, se tentara a formação de um *fundo africano* por subscripção nacional, e o resultado fôra um perfeito malogro, apezar de se acharem á frente da tentativa as primeiras notabilidades inglezas.

Entre nós ensaiara-se o mesmo e o resultado conhece-se... Tem havido uma ou outra excepção é certo, mas além de tudo a simples questão de tempo affastava positivamente a idéa da tentativa.

Em 9 de dezembro respondia tambem a Associação Commercial da Figueira. Muito louvavel o pensamento; muito util que fossemos a Amsterdam, mas a Associação não tinha fundos disponiveis, não podia pensar em subscripções n'uma terra onde ellas se succediam frequentemente para melhoramentos locaes, e, apurado o caso, o Estado é que tinha rigoroso dever de prestar o auxilio «que a Sociedade de Geographia tão justamente reclama.»

Foram estas as respostas que a Sociedade obteve e com ellas se dirigiu novamente ao governo, em 16 de dezembro. Diga-se em boa verdade que não se esperava outra cousa, d'aquellas diligencias junto das diversas associações e que estas tinham muita razão quando observavam que ao Estado e sómente ao Estado cumpria tomar o encargo correspondente ao *serviço publico* que se indicava e impunha ao seu criterio e resolução.

Mas não discutamos este ponto.

Em 22 de dezembro respondia o ministerio do ultramar que tivera «mais uma vez occasião de reconhecer o vivo empenho, que merecem á benemerita Sociedade os interesses publicos em geral e em especial o progresso e o bom nome das colonias portuguezas,» mas que sentia deveras que as respostas obtidas das associações commerciaes «não tenham em si a desejada efficacia para modificar a resolução do governo relativa á exposição colonial.»

E acabou-se: — não fomos a Amsterdam. Vejamos agora como fomos a Antuerpia.

Malograda a primeira tentativa, malograda ainda uma outra, feita tambem pela Sociedade para sairmos ao encontro da forte propaganda dos *cafés do Brazil,* com uma exposição dos nossos cafés, — o que não se malogrou, o que não se extinguiu no seio da Sociedade foi a noção e o empenho da conveniencia pratica de apparecermos como nação colonial n'estes grandes certamens da industria e do commercio moderno.

Depois, este empenho obedecia ainda a outro pensamento: — o de ir preparando a opinião, disciplinando os interesses, educando os expositores nacionaes para uma grande exposição colonial portugueza, aqui, em Lisboa, n'este velho emporio que foi, do commercio ultramarino; n'este grande interposto e mercado que pode ser ainda do commercio africano.

Annunciada a Exposição colonial de Antuerpia, a Sociedade de Geographia fez exactamente o que fizera em 1882 quando se preparara a Exposição de Amsterdam.

Não arredára pé da campanha; continuara a colher productos e a pedil-os; o seu digno consocio, governador geral de Angola secundando de lá o empenho que palpara e apoiara aqui, promovia a reunião de uma verdadeira exposição de productos d'aquella vasta provincia, que depois de organisada e aberta em Loanda, (1) viria enriquecer o museu da Sociedade e habilital-a a concorrer repentinamente a alguma Exposição extrangeira.

Pensou-se, resolveu-se, até, concorrer á Exposição Agricola de Lisboa. Crear-se-ia aili uma secção especial dedicada ás colonias. Recordo-me de ter proposto isto n'uma grande commissão que devia dirigir a Exposição Agricola mas da qual francamente não tive mais noticia, como me parece que essa excellente commissão a não teve tambem de quanto em nome d'ella talvez, pas sem audiencia d'ella seguramente, se fez depois.

(Continúa) *Luciano Cordeiro.*

(1) Vidè Occidente, presente volume, pag. 27 e 28.

NO JURAMENTO

(A Marçal Pacheco)

Quando o sr. Juiz, ás 9 horas da manhã, sahia da sua casa para o tribunal, solemne, grave e austero, caminhando a passo mesurado pela rua, e seguido a distancia de vinte passos pelo escrivão da semana, e a distancia de quarenta passos pelo official de diligencias, passava sempre á porta da tia Maria Joanna, uma pobre velha, muito temente á justiça de Deus e á justiça dos homens.

Maria Joanna, de proposito, deixava-se ficar á porta; e, quando o magistrado passava, curvava respeitosamente a cabeça, saudando-o com toda a humildade e reverencia:

— Passe V. Ex.ª muito bem, sr. Juiz.

O magistrado, que assumia um aspecto extraordinario, como se fosse a propria Justiça feita homem, baixava as palpebras e correspondia com uma voz grave:

— Viva, mulhersinha.

E seguia ufano, lento e de cada vez mais aprumado e solemne.

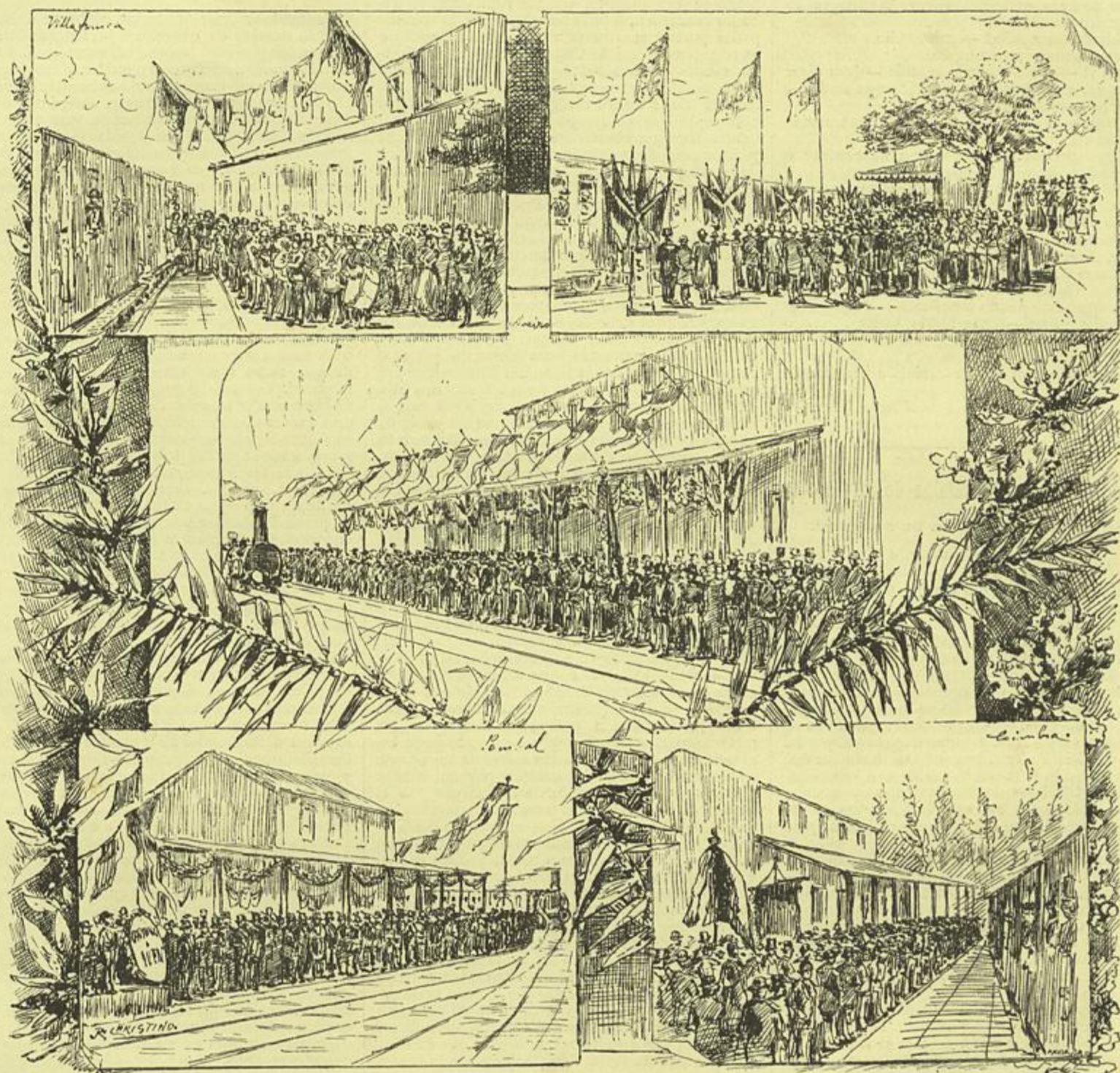
*
* *

Aconteceu, porém, haver na rua em que morava Maria Joanna, uma grande desordem entre dois homens. Trocaram reciprocamente graves inju-

Sessão Solemne da Associação Commercial de Lisboa, em honra de Capello e Ivens (Desenho do natural por J. Christino)

rias, soccaram-se, esmurraram-se, e rolaram ambos no chão, debatendo-se n'uma lucta de athletas. A visinhança acudiu em gritos, clamando alli o soccorro d'el-rei. O mulherio agitava as mãos no ar, pedindo que separassem aquelles dois homens que se matavam. Foi então que um cabo de policia correu ao lugar do conflicto, separou os dois, em nome da lei, tomou nota dos seus nomes e apontou o nome dos circumstantes, para servirem de testemunhas. N'essa relação foi inscripto o nome da Maria Joanna!

Durante todo o tempo decorrido entre a bulha e o julgamento, a desgraçada velha mal podia conciliar o somno, mal podia comer, e toda a sua preoccupação era ter de ir um dia ao tribunal depôr como testemunha! Não que receiasse falar contra os dictames da sua consciencia, e jurar em falso! Isso nunca, santo nome de Deus! Mas só a idéa d'um tribunal! Subir os degraus do templo augusto da Justiça, encontrar-se entre os esbirros, ver-se ao lado de criminosos, em frente dos advogados, e, sobretudo, face a face — calculem bem! — face a face com o sr. Juiz!

Ella até chorava de terror, e pedia a todos os santos da sua devoção, que a levassem perante o tribunal de Deus, antes de comparecer no tribunal dos homens!

Viagem de Capello e Ivens de Lisboa ao Porto — Recepção nas estações de Villa-Franca, Santarem, Aveiro, Pombal e Coimbra
(Apontamentos do natural por J. Christino)

*
* *

Chegou, finalmente, o dia do julgamento.

Maria Joanna levára toda a santa noite a rezar, pedindo a Nossa Senhora que a não desamparasse, e que não permittisse que ella cahisse em peccado mortal, faltando á verdade.

Ás oito horas, muito antes ainda de passar o sr. Juiz, poz Maria Joanna um lenço na cabeça, encolheu-se toda nas dobras d'um velho chaile escuro, e lá caminhou para o tribunal, muito cosida com as paredes das casas — como se fosse ella a propria criminosa!

O que mais a atterrava — saiba-se bem — era a presença do sr. Juiz!

Ella até receiava perder os sentidos! Nunca lhe vira um sorriso, nunca lhe ouvira uma palavra de consolação, nunca o vira ameigar uma creança, dar uma esmola, amparar um velho e guiar um cego! Era unicamente Juiz, só Juiz, serio, frio e inexoravel!

*
* *

Quando o official de diligencias entrou na sala, em que estavam as testemunhas, e disse alto — Maria Joanna! — a velha ergueu-se pallida e tremula do banco em que estava sentada. Entrou na sala da audiencia, e, de repente, fugiu-lhe a luz dos olhos, como se tudo alli estivesse ás escuras. Nos seus ouvidos sentia um zumbido de abelhas! As pernas tremiam-lhe, e os pés pareciam chumbados ás taboas do sobrado.

— Adiante-se — bradou o juiz.

A velha estremeceu. E foi então que viu bem onde se achava!

Lá estava elle, sobre um estrado, calvo, de suissas brancas, oculos d'oiro, envolto na sua ampla toga negra de magistrado.

Sobre o alto espaldar da sua cadeira, via-se na parede a imagem da Justiça — uma mulher vendada, suspendendo n'uma das mãos uma balança, sustentando na outra uma espada.

Ao lado direito da cadeira, estava a symbolica vara branca; mais adiante, a tribuna do sr. delegado; á esquerda, duas longas filas de jurados; no centro, os dois reus, magros, cabisbaixos e tristes!

— Adiante-se! — bradou de novo o juiz.

Em frente dos jurados, estavam os dois advogados, vestidos nas suas bécas, ambos reclinados

pachorrentamente na espalda das suas respectivas poltronas.

— Suba estes degraus — ordenou o juiz.

Maria Joanna subiu a custo os tres degraus do estrado, amparando-se ao corrimão.

Então elle, o sr. Juiz, fitou-a com mais severidade, de sobr'olho carregado, fronte altiva e peito aprumado. Abriu sobre a mesa os Sagrados Evangelhos; e no vasto silencio do tribunal, ouviu-se distinctamente a sua voz solemne, que disse:

— Ponha aqui a sua mão direita.

Maria Joanna assentou a medo a mão sobre as paginas do livro, onde estava gravada a imagem do Senhor crucificado.

— Abra mais a mão! — gritou elle.

Maria Joanna separou os dedos.

— Bem! — disse então o sr. Juiz — jura dizer a verdade, e só a verdade d'aquillo que souber e lhe fôr perguntado?

— Juro, meu senhor — murmurou ella tranzida de medo.

— Jura, porquê? — perguntou de repente o magistrado n'um tom de voz mais aspero.

— Não sei, sr. Juiz — respondeu a velha cada vez mais tremula.

— Não sabe?

— Não senhor, sr. doutor.

O sr. Juiz, lançando os olhos sobre as paginas do Evangelho, perguntou ainda:

— Pois não sabe de quem é a sagrada imagem, sobre a qual está pondo a sua mão?

— Sei, sim, sr. — disse Maria Joanna, fitando os olhos no livro.

— De quem é?

— Pois de quem ha de ser? É a imagem do sr. Juiz!

Alberto Braga.

Quinto centenario da batalha de Aljubarrota

UMA PAGINA DA HISTORIA DE PORTUGAL

(Continuado do numero 243)

Vendo-se desamparada, a vanguarda da columna recuou. Recuar era perder-se. Os Portuguezes redobraram d'esforços: cahiu-lhes nas mãos a bandeira real de Castella. A massa formidavel, recuando, atropellou-se a si mesma, vacillou, ennovelou-se, esmagou a rectaguarda d'encontro ás bagagens, que se misturaram com ella e augmentaram a confusão. O desanimo foi tão prompto como a confiança, é ainda Froissart quem nos dá testemunho d'isso (1), e quem deu o exemplo foi o rei de Castella, que, passando da mula em que estava montado para um cavallo que o seu camareiro-mór Gonzalez de Mendoza lhe apresentou, fugiu á rédea solta caminho de Santarem. O valente fidalgo deixou-o fugir com mal disfarçado despreso

«Debalde el-rei, diz Schœffer, lhe disse que não voltasse ao combate, debalde os fugitivos o avisaram de que estava tudo perdido. «Quero, disse Mendoza, morrer combatendo, afim de que as mulheres de Guadalajara não me possam accusar de ter levado á morte os seus maridos e filhos, e de ter voltado são e salvo.» Correu a precipitar-se na peleja, onde morreu gloriosamente e combatendo (2).»

A batalha estava definitivamente perdida. Quando já se manifestava hesitação na columna atacante, é que o mestre d'Alcantara se lembrou de vir atacar pela rectaguarda os peões portuguezes. Impediu os de fugir, se tinham vontade d'isso, e o condestavel, desembaraçado pelo rei do desastre que soffrera, poude correr aos peões, soccorrel-os, e dar-lhes firmeza. Esse movimento do mestre d'Alcantara, feito um pouco mais cedo, teria decidido talvez d'outro modo a sorte da peleja (3).

Repellidos os ginetes, o desbarato tornou-se então completo. Assim como não houvera ordem no ataque não houve ordem na fuga, de fórma que as duas alas, que não tinham quasi entrado na peleja, e que podiam por conseguinte admiravelmente cobrir a retirada, fugiram tão dispersas e tão rotas como as outras, e não deixava de ser um curioso espectaculo este d'um numeroso exercito em debandada perseguido por um punhado d'homens. Aqui uns fugiam a cavallo nos primeiros cavallos que se lhes deparavam, outros largavam as armas, estes sahiam das estradas, outros, reunindo se em magote, procuravam defender-se, como succedeu, por exemplo, quando muitos peões portuguezes tentaram espoliar a capella e as bagagens do rei de Castella, onde estavam juntas muitas preciosidades. Os inimigos voltaram rosto e defenderam se briosamente, ficando alli mortos talvez mais Portuguezes, victimas da sua cubiça, do que no campo de batalha. Os Castelhanos conseguiram salvar uma grande parte d'esse precioso espolio, mas vieram-n'o a perder em grande parte, porque a fuga continuou, cada vez com mais destroço.

Ainda a batalha não estava de todo perdida, quando el-rei de Castella fugiu á rédea solta caminho de Santarem. Percebeu-lhe a fuga Vasco Martins de Mello, e zeloso de cumprir o seu voto, seguiu-o a todo o galope mettendo se sósinho, com heroica temeridade, no meio da escolta que acompanhava o rei. Conheceram-n'o logo como Portuguez pela cruz de S. Jorge, e mataram-n'o sem que elle podesse cumprir o seu tememario voto (4), mas ganhando mais gloria do que se o cumprisse. Gonçaleanes fôra mais feliz, conseguira ser quem deu o primeiro golpe, e soccorrido a tempo, não succumbiu na empresa. Proseguindo na fuga, el-rei chegou a Santarem ao cahir da noite, e os da escolta bradaram que abrissem as portas que vinha el-rei de Castella. Os de dentro não queriam acreditar, forçoso foi porém que acreditassem quando reconheceram a voz do proprio monarcha. Abriram então as portas, profundamente espantados, e o rei entrou no castello, cabisbaixo, e com o desespero impresso nas feições transtornadas. Refugiando-se no seu aposento, deu então largas á sua dôr profunda, desabafando em gritos e lagrimas a raiva e o desalento que se tinham apoderado d'elle. Chegou isso a ponto de os seus lhe estranharem um tal desespero como indigno d'um rei. Quizeram consolal-o dizendo-lhe que seu pae soffrera eguaes desventuras, e ainda maiores, e que nunca desanimára. «Meu pae, respondeu D. João, foi batido pelo principe de Galles, o primeiro capitão do seu tempo, e homem tão feliz na guerra que derrotou, e fez prisioneiro el rei de França; foi batido pelos Inglezes, que são a flôr da cavallaria da Europa; e eu soffro esta vergonha infligida por um mestre d'Aviz e por um punhado de chamorros (5).» E voltava a lamentar-se e a pungir-se.

Não se julgando ainda bastante seguro em Santarem, n'essa mesma noite partiu para bordo da esquadra, que estava em Lisboa, e d'ahi n'uma galé para Sevilha onde entrou de noite para não ouvir os clamores dos desgraçados que tinham perdido em Aljubarrota amigos e parentes. Mas no dia seguinte esse clamor que temia resoou bem alto diante dos paços, e tal impressão lhe fez que logo se retirou para Carmona. A sinistra nova correu toda a Castella, excitando por toda a parte um assombro mortal, e chegou a Toledo onde estava a rainha D. Beatriz que cahiu como morta ao ouvir a noticia. Ordenára ella que as suas damas estivessem dia e noite resando para que os Castelhanos ganhassem a victoria; quando as tristes noticias chegaram cessaram as preces e começaram os tumultos. No povo foi a impressão mais forte. Furioso pela affronta e pela perda, e envolvendo no seu odio cego tudo quanto era portuguez, já queria matar a propria rainha e todos os seus compatriotas que com ella estavam, designio que poria decerto em execução se o arcebispo de Toledo não conseguisse acalmal-o com boas palavras.

(Continua) *A.*

(1) Palavras textuaes do chronista francez: «*Voir* (por *vrai*) est que à cheval de première venue i s sont de grand bobant (por *orgueil*) e de grand courage et hautain et de dur encontre à leur avantage, et se combattent assez bien à cheval Mais si tres tôt comme ils ont jeté deux ou trois dardes et donné un coup d'épée et ils voient que leurs ennemis ne se déconfissent point, ils se doutent (*s'effrayent*) et retournent les freins de leurs chevaux et se sauvent qui sauver se peut; encore jouèrent ils de ce tour et de ce métier-là: car ils trouvèrent leurs ennemis durs et aussi frais à la bataille que doncques que point en devant ne se fu sent combattus en la journée dont ils en furent plus émerveillés et ébahis.» *Chronica*, liv III, cap. 21, na *Collecção das chronicas nacionaes francezas*, por J. A. Buchon, tom. IX, pag. 319.

(2) Schœffer, *Historia de Portugal*, tr. fr., pag. 372.

(3) Tanto Fernão Lopes como Ayala attribuem a este ataque uma influencia desfavoravel na sorte da peleja. Fernão Lopes diz: «... e elles faziam aos Portuguezes proveito, porque os peões d'aquella parte, ainda que fugir quizessem, não o podiam fazer, e assim forçosamente cumpria de se defenderem, a qual coisa depois os Castelhanos entenderam que lhes fôra mau avisamento, pois imigos não deixavam portal por onde fugir podessem.» (*Chronica de D. João I*, parte II, cap. 5, pag. 115.) E Ayala observa: «E aun, segund dicen, ove otro damno, que los peones de Portugal fuyeran, salvo por los de caballo de Castilla que estaban á sus espaldas de aquella parte, é non podiam salir; e assi forzadamente se avian a defender é pelear. E esto es contra buena ordenanza que los antiguos mandaron guardar en sus batallas, que nunca ome debe poner á su enemigo en las espaldas ninguna pelea por le dar logar para fuir.» (*Chronica del rey D. Juan el primero*, anno 1385, cap. 14.) A estrategia moderna tambem diz que se deve fazer uma ponte de ouro para o inimigo que foge, mas atacar a um tempo pela frente e rectaguarda é meio de ganhar a victoria. Em Sadowa os austriacos estiveram quasi vencedores, quando o exercito prussiano lhes appareceu na rectaguarda. O principio de victoria converteu se em completa derrota O inconveniente d'esta manobra do mestre de Alcantara não foi impedir os Portuguezes de fugir, foi o ser já feita intempestivamente

(4) Ignacio Pizarro, no romance que citámos, *Os votos denodados*, suppõe que Vasco Martins chegou a pôr a mão no rei de Castella. É possivel que o fizesse, e o romancista devia adoptar essa supposição; comtudo, como logo o conheceram pela cruz de S. Jorge, não é provavel que chegasse a approximar-se do rei.

(5) Chamorros era uma denominação zombeteira que os Castelhanos deram aos Portuguezes por estes usarem o cabello cortado muito curto.

O moderno movimento geographico em Portugal

(Continuado do n.º 245)

Tentando resumir e historiar, em breve e singela noticia, despida de quaesquer pretenções litterarias, varios periodos, escolhidos entre os que melhor definem e caracterisam o moderno movimento geographico em Portugal, cuja existencia e evolução nos propozemos descrever, obriga-nos o assumpto a uma advertencia previa, que os nossos leitores desculparão, sem duvida. Os justificados melindres, que a nossa particularissima situação nas coisas e successos da geographia portugueza, alguns annos a esta parte, nos levanta e suscita no desempenho da tarefa que, bem a pesar nosso, soube impor-nos a benevola e honrosissima insistencia da redacção do OCCIDENTE, cujas paginas, como que de surpreza, vimos franqueadas á nossa desambiciosa collaboração, hão de justifical-a de sobejo.

Procurando esclarecer e não confundir; resolvidos, como estamos, a afastar da nossa despretenciosa narração todo o sentimento, que não seja o de uma critica imparcial mas severa; convictos de que serão absolutamente extemporaneas as nossas explanações, a proposito de factos em que nos vimos, não ha muito, envolvidos e associados, sem cuidarmos de reclames nem ostentações e sem outros propositos que não fossem os de bem servir a nossa patria, pelo proprio e unico prazer de a bem servirmos, nem nos prenderá, no que dissermos, qualquer sentimento de falsa modestia, de conta propria ou alheia, nem tão pouco nos suspenderá, escrevendo, o receio de sermos incommodos, seja para quem for que, por necessidade do nosso exame, tenha de comparecer na galeria de individualidades, a que não podemos deixar de nos referir no decurso d'esta noticia, que nos propunhamos escrever a seu tempo e que o pedido de um amigo, que muito presamos, nos obrigou a publicar agora.

Não iremos porem muito longe, pelo passado, em exame historico e retrospectivo dos primeiros factos e successos, que expliquem e fundamentem as tendencias africo-coloniaes, que ora vemos sob a forma de nevrose geographica, perfeitamente aguda e definida, invadir e assolar o paiz inteiro. Prendem-se elles ás proprias origens da nação portugueza, avultaram successivamente com as descobertas e conquistas dos nossos antigos navegadores e soldados, e formaram mais tarde o peculio de glorias e grandezas a que, de successivos em successivos empobrecimentos, devia por fim corresponder, no declinar do seculo passado e em parte do presente, a anemia e definhamento, que precede a crise suprema que, nos povos como nos individuos, termina o esphacelamento dos organismos, humanos ou sociaes.

É pois muito outro o nosso intento, ainda quando nos não obrigasse a propria insufficiencia a mantermo-nos dentro da area que nos impozemos. Limitar-nos-hemos por isso, apenas, a desenvolver o titulo do nosso estudo, dissertando não sobre a indole ou appetites coloniaes do povo portuguez, em vasto passeio pela historia de suas grandezas e conquistas, mas tão sómente sobre essa phase geographica da sua vida presente, tão profundamente cortada de devaneios, de mal proseguidos emprehendimentos ultramarinos, de graves e serios prejuizos publicos, tudo nascido da pessima orientação que, influencias mais ou menos damninhas, teem sabido imprimir á nossa politica geographica e a uma parte do paiz, muito a despeito dos grandes e nobilissimos sentimentos que essa mesma politica soube, desde logo, obter do seio da nação, e documentar mais tarde, em longas e heroicas viagens, atravez d'essa Africa tão mysteriosa como appetecida!... Africa, diga-se entre parenthesis, de que, para proveito e gloria de tantas e tão proficuas geographias, apenas soubemos de positivo extrahir, até hoje, a eliminação de uma parte dos nossos dominios africanos e algumas cartas e palavras, que dizem muito amenas, do por vezes distraido principe de Bismarck

* * *

Realisado em Anvers, com pleno exito, em agosto de 1871, o primeiro congresso internacional de

sciencias geographicas, cosmographicas e commerciaes, por iniciativa do illustre conservador da bibliotheca real de Bruxellas, o sr. C. Ruelens, foi-lhe consequencia o segundo congresso internacional de geographia, tão brilhantemente inaugurado em Paris em julho de 1875, e ao qual, como ao primeiro, foi associada uma exposição — n'aquelle porem muito mais vasta — de productos geographicos e cosmographicos. Fora em fins de 1869 que a reunião preparatoria do congresso de Anvers assentara na definitiva convocação d'aquella importante assemblea e dera motivo a todos os congressos geographicos posteriores, dos quaes o de 1875 foi, sem a menor duvida, o mais notavel e productivo.

Prende-se a este congresso — do qual deriva e no qual se filia — o moderno movimento geographico em Portugal, movimento que só em parte acompanhamos e que é caracterisado por uma serie de factos, de opiniões e de tendencias que, entre nós, não tiveram, salvo melhor aviso, outra e mais remota origem. Ao congresso geographico de 1875 iremos portanto buscar como que o fecho historico de todos os successos que, nos ultimos dez annos, imprimiram á geographia portugueza a feição tumultuosa e expansiva, de que temos presenciado as mais nobres e, permitta-se-nos tambem que o digamos, as mais pueris e desordenadas manifestações.

Note-se de passagem, porque é importante a observação que, de facto, pouco tem influido no ensino escolar da geographia nacional todo esse alvoroço geographico, que ainda não conseguiu dotar a mocidade portugueza de methodos e processos de estudo que, melhor do que até hoje, lhe insinuem e forneçam os conhecimentos theoricos e praticos, de que tanto carece no cultivo d'esta utilissima especialidade.

*
* *

Foi portanto na Belgica que nasceram, e de lá nos vieram, os primeiros symptomas e accessos d'essa febre perniciosa — para Portugal pelo menos — de expansões e dilatamentos ultramarinos, febre que, correndo mundo e tornando-se endemica dentro de varios imperios e monarchias, sem exclusão de uma grande e hoje desilludida republica que, no Tonkin, como outr'ora no Mexico, tem aprendido a conhecer os encantos e proveitos de uma politica essencialmente expansiva, nos prepara talvez, na sombra e nos recessos de varias e gigantescas vaidades, a melhor de todas as catastrophes que, em assumptos geographicos e coloniaes, nos pode talhar a ignorancia dos verdadeiros destinos de um paiz que, ao transpor o seculo XIX, trazia de ha muito alterado o seu roteiro, incompativel com a feição, aspirações e haveres dos seculos proximos e futuros

*
* *

Ao congresso geographico de Paris, havido como dissemos em 1875 e a que, desde seu principio, se tratou de dar a maxima importancia e publicidade, não podia Portugal deixar de comparecer, convidado, como o foram todas as nações, a mandarem alli delegados e productos, que dessem áquella festa scientifica o realce e brilhantismo, que tanto a haviam de distinguir, a pleno aprazimento do governo francez, para quem o estado maior de sabios, de politicos, de geographos e de diplomatas, que se propunha receber no velho palacio das Tulherias, já orphão de reis e imperadores, era, alem do triumpho moral, uma digna e brilhante compensação aos infortunios e desastres da guerra, tão recente, com essa poderosa e irrequieta visinha, a quem devemos o caustico, ainda suppurante, da *boa e generosa* conferencia de Berlim. Foi este o primeiro fructo, mas bem sazonado, de certos emprezarios de festividades nacionaes a quem, louvado Deus, coube o exclusivo, por grosso e por miudo, dos enthusiasmos e manifestações geographico lusitanas.

*
* *

Por deliberação do governo portuguez, sendo ministro de marinha o sr. João de Andrade Corvo, foi, como consequencia da nossa resolvida intervenção no congresso geographico de Paris, mandada lavrar, com data de 30 de dezembro de 1874, a portaria seguinte:

«Devendo realisar-se no dia 31 de março de 1875 um congresso internacional de sciencias geographicas, acompanhado de uma exposição de objectos, instrumentos, collecções e documentos, relativos á geographia e sciencias correlativas, e sendo conveniente organisar a secção que, por parte de Portugal, deverá figurar na mesma exposição, hei por bem encarregar d'esses trabalhos uma commissão composta do deputado eleito ás cortes Manuel Pinheiro Chagas, que d'ella será presidente, do capitão de fragata Alvaro José de Sousa Soares Andrea e do capitão-tenente João Carlos de Brito Capello...»

Transcrevemos quasi na integra este documento official, pela sua importancia historica, visto ser o primeiro documento indigena que encontramos, digno de menção, ao investigarmos as origens do moderno movimento geographico em Portugal, origens que, a par de algumas curiosas coincidencias, nos obrigam a varias reflexões, que faremos de corrida para não cansarmos os nossos leitores.

Na portaria de 30 de dezembro, assignada pelo sr. Corvo, encontra-se portanto o facto, que estabelece e define chronologicamente o principio do moderno movimento geographico de Portugal, que alli teve, por assim dizer, a sua primeira demonstração.

Se factos mais antigos o precederam, como é de suppôr e temos por certo, não se affastaram porém, que o saibamos, da area das relações politicas e diplomaticas que, entre a legação portugueza em Paris e o nosso governo, necessariamente se haviam de estabelecer a tal respeito, dando pretexto e causa á deliberação, que nomeou os srs. Pinheiro Chagas, Alvaro Andrea e João Capello para formarem a commissão portugueza da exposição internacional das sciencias geographicas em Paris, commissão que varios successos politicos impediram mais tarde e quasi que inesperadamente, de levar a effeito, como era seu desejo, o proposito para que fôra nomeada.

É com o mais vivo praser que, dando conta de um successo, hoje quasi esquecido, escrevemos e recordamos o nome de um estadista notavel, de um sabio e eloquente professor, de um parlamentar emerito, de um litterato de primeira grandeza que, votado ha longos annos ao serviço do seu paiz, que com tanta distincção o considera é, incontestavelmente, o primeiro e o principal vulto de quantos, n'esta boa terra portugueza, banhada por um sol europeu, teem curado a sério e a valer das nossas cousas maritimas e coloniaes.

Se, como politico, tem errado por vezes, o que é contingencia da propria natureza humana, faça-se justiça a esse honrado cidadão que, no seu perseverante e consciencioso trabalho, afastado das *claques* e *coteries*, que hoje dominam a geographia portugueza, tem affirmado sempre o seu altissimo merito, conquistando na galeria de quantos o reclame tem, ha annos a esta parte, atirado para cima da admiração publica, o logar mais glorioso e proeminente. De alguns, que pretendem formar-lhe cortejo, com pasmo de varia gente, diremos que a propria geographia os não conhece, embora, com a tenacidade dos tentaculos, que diariamente estendem sobre o paiz, declarem viver paredes meias com aquella nova musa de politicos e burocratas, cahidos das forjas dos laboratorios parlamentares para dentro das retortas e cadinhos dos enthusiasmos populares e palacianos.

21 de outubro de 1885.

José Julio Rodrigues.

RESENHA NOTICIOSA

Protectorado portuguez no Dahomey. É conhecido de toda a gente este reino da Africa Occidental, com o qual entretemos relações seculares amigaveis, emtanto que outros paizes que se julgam mais poderosos, não tem podido travar essas relações, e tem visto os seus nacionaes presos e desprezados pelo chefe d'aquelle estado, devendo aos portuguezes o seu allivio. Já contámos aqui como um só official portuguez, sem escolta, se dirigiu alli para resgatar uns prisioneiros, que o rei lhe entregou, desculpando-se por julgar que não eram subditos portuguezes, ou que a fortaleza de S. João Baptista de Ajudá, que alguns politicos nossos de *muito longa vista*, entendiam dever abandonar-se, tinha sido cedida aos inglezes; sabe-se as demonstrações de regosijo que aquelle rei fez quando soube que tal não era, e a declaração que fez de que nunca consentiria tal. Sabe-se tambem do uso barbaro d'aquelle paiz, nas occasiões de regosijo, dos sacrificios humanos, e como tem sido até hoje impossivel acabar com elles, não obstante alguns timidos esforços n'esse sentido; pois o que não tem conseguido as *ameaças e os pedidos* dos fortes, conseguiu-o o *prestigio e razões* dos fracos. Ainda ha pouco uns jornaes estrangeiros, cujo natural é facil á calumnia, vomitavam injurias sobre Portugal, a proposito dos trabalhadores contratados legalmente, chamando-lhes *escravos comprados*. Acaba porém um facto solemne de desmentir essas calumnias; o governador de S. Thomé, em virtude dos pedidos do rei de Dahomey, estabeleceu ultima e definitivamente o protectorado portuguez sobre toda a costa de Dahomey, indo o governador de S. Thomé a Ajudá para tornar effectivo esse protectorado, celebrando-se o tratado no qual o rei em testimunho de respeito por Portugal se obriga a terminar com os sacrificios humanos, que eram um uso nas festividades publicas, etc. Assim se responde aos calumniadores. Se aproveitando o nosso prestigio, combinado com os grandes serviços de Capello, Ivens, Silva Porto, Serpa Pinto e tantos outros, os nossos governos souberem ter juizo, ainda poderemos supplantar na Africa o poder das nações mais fortes. A razão e o direito são as principaes forças.

Sociedade academica franco-hispano-portugueza, *em Toulouse* (França). Ha pouco tempo um incendio, que se apresentou, ao principio com caracter assustador, ameaçou destruir em um instante, as riquezas scientificas e litterarias, accumuladas na bibliotheca d'esta sociedade academica, desde a sua instituição. Foi porém salva, graças aos esforços de alguns de seus membros, entre os quaes merece especial menção o seu presidente o sr. Clemente Sipière que, apezar de estar de cama, e das instancias de sua familia, correu ao logar do sinistro e pela sua presença de espirito e animosa iniciativa conseguiu dominar o incendio e conservar á sociedade as suas preciosidades.

Annos de Sua Magestade a Rainha. Parece-nos ser a primeira vez que a Rainha de Portugal passa o dia do seu anniversario em Cintra. Suas Magestades haviam dispensado os cumprimentos, e parece que por isso mesmo, uma grande parte do funccionalismo, quer espontaneamente, quer por insistencia dos seus chefes correram a Cintra a encommodar os regios personagens obrigando-os á massadora etiqueta da recepção. Esta cerimonia em Lisboa, em Cascaes, em Cintra, tem sempre o mesmo aspecto, a mesma significação. O que porém houve este anno de singular, caracteristico, espontaneo, foi a demonstração nocturna que os povos dos arredores fizeram á princeza, vindo, como que em romaria, e festa popular á luz de archotes, com musicas e folgares, tocar e dançar deante do historico paço de Cintra, e dentro do seu vasto pateo, victoriando a sua rainha e a familia real, mostrando assim a sympathia que tem por ella. Esta ás varandas do palacio correspondia ás saudações de milhares de pessoas, que durante horas se regosijaram em calorosas expansões. Se os reis não fizessem annos só na capital, e uma vez no Porto, outra em Braga, outra em Coimbra, em Villa Viçosa ou em outras localidades passassem esses dias, haviam de gozar momentos muito mais deliciosos e gratos, do que os que lhe proporcionam os frios cumprimentos nas salas do paço, por enfadonhas fardas e casacas, pela maior parte sem animação.

PUBLICAÇÕES

Recebemos e agradecemos:

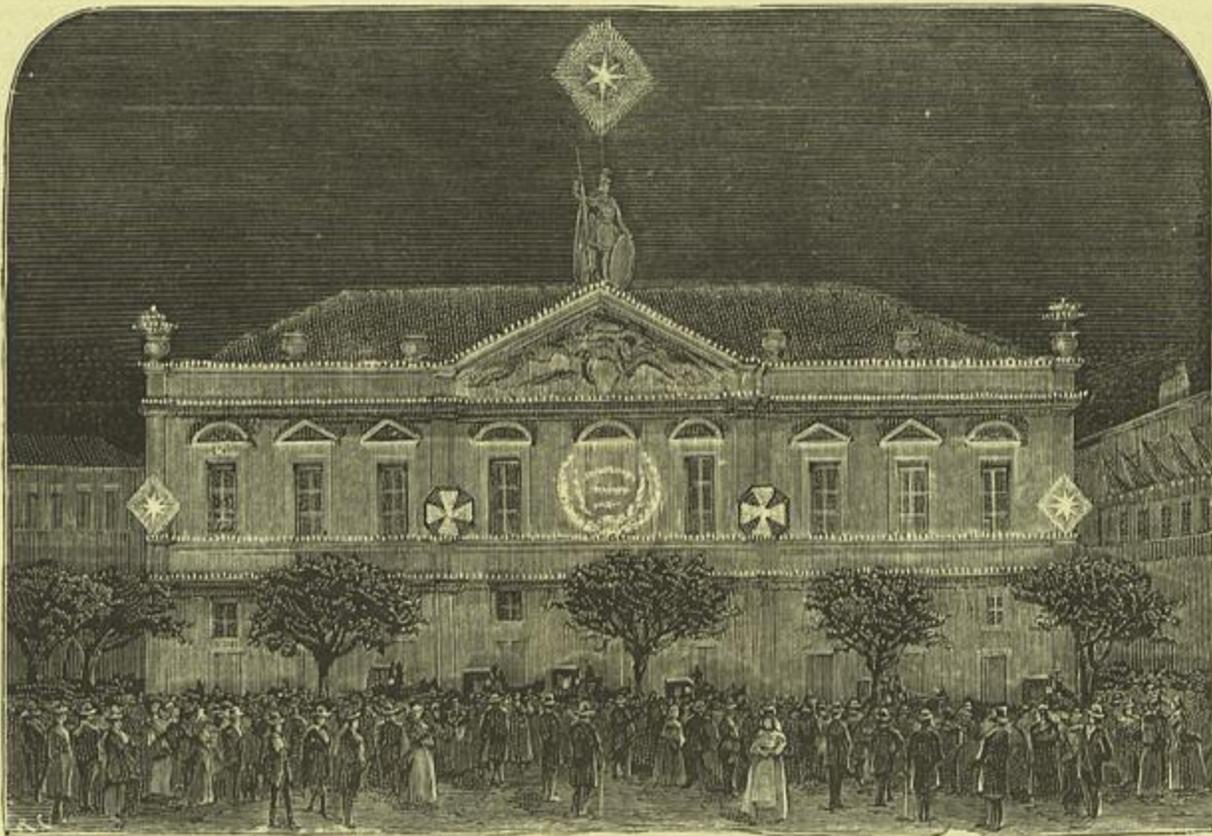
Revista de estudos livres, *directores litterario-scientificos, em Portugal: doutor Theophilo Braga e Teixeira Bastos; no Brazil: doutores Americo Braziliense, Carlos Koseritz, e Argymiro Galvão. Lisboa. Nova livraria internacional, 96, rua do Arsenal. 1885.* — Publicaram-se os n.os 5 e 6 do terceiro anno relativos a julho e agosto, e conteem: *Giordano Bruno*, pelo sr. Teixeira Bastos; *De marçano a commendador*, pelo sr. J. A. Vieira; *Costumes africanos*, pelo sr. F. de Barros; *Gomes Freire d'Andrade*, pelo sr. Theophilo Braga; *Uma questão de imprensa no principio do seculo actual*, pelo sr. A. J. Teixeira; *Individualismo e colonisação*, pelo sr. Carlos de Mello; *Romancistas naturalistas*, pelo sr. Reis Damaso; *Villancicos portuguezes*, pelo sr. Joaquim José Marques; *Mandingas*, pelo sr. Frederico de Barros; *Questões militares*, pelo sr. F. Sá Chaves; *A Saint Barthelemy*, pelo sr. Lino d'Assumpção; Bibliographia: *Folk-lore catalá cuentos populares catalans*,

CAPELLO E IVENS, NO PORTO

As illuminações na rua do Sá da Bandeira (Desenho do natural por J. Christino)

per lo dr. D. Francisco de S. Maspons e Labrós, por T. Bastos. — A variedade dos artigos insertos n'este fasciculo tornam-o muito recommendavel.

Bibliotheca do povo e das escolas... 1885, *David Corazzi, editor, Empreza Horas Romanticas; administração: 40, rua da Atalaya, 52, Lisboa; filial no Brazil: 38, rua da Quitanda, Rio de Janeiro.* É o fasciculo 115 que se intitula: *Viagens e descobrimentos maritimos,* pelo sr. Vicente Almeida d'Eça, lente da Escola naval. O assumpto é vasto para tão pequeno livrinho, cuja utilidade ninguem póde contestar. Sobre algumas duvidas apresentadas pelo auctor, haveria alguma coisa que dizer e que não cabe nos estreitos limites que nos permitte este lugar. Apenas accrescentaremos que ás rasões allegadas para, por parte de Portugal, se não acceitarem as propostas de Colombo, deve accrescentar-se a quantidade de concessões para viagens ás regiões occidentaes, feitas pelos nossos reis, de algumas das quaes restam monumentos, como se póde ver na memoria publicada em 1883 pelo sr. dr. Ernesto do Canto — *Os Corte-Reaes;* e que quanto a estes famosos navegadores portuguezes, e aos italianos *Cabotos,* está feita a justiça com imparcial critica, não só n'aquella memoria, mas nos dois livros do sr. Henrique Harrisse — *Jean et Sebastien Cabol,* Paris 1882, e *Les Corte-Real,* Paris 1883, tendo esta annexa, em fac-simile, uma carta feita em Lisboa em 1501 ou 1502, e que é até hoje o monumento mais antigo importante da cartographia e navegações portuguezas, conhecido, e descoberto nos archivos de Italia por aquelle illustre americano.

Noventa e Tres, por V. Hugo, traducção de Maximiano Lemos Junior, Lemos & C.ª, editores, Porto. O primeiro fasciculo d'esta obra, que está sendo dada á estampa em edição muito nitida. O nome do auctor dispensa qualquer recommendação.

Illuminação dos Paços do Concelho, no Porto (Desenho do natural por J. Christino)

Typ. Elzeviriana — Praça dos Restauradores, 50 a 56 — Lisboa.